

# Brasília, jubileu de prata

CORREIO BRAZILIENSE  
- 7 ABR 1985

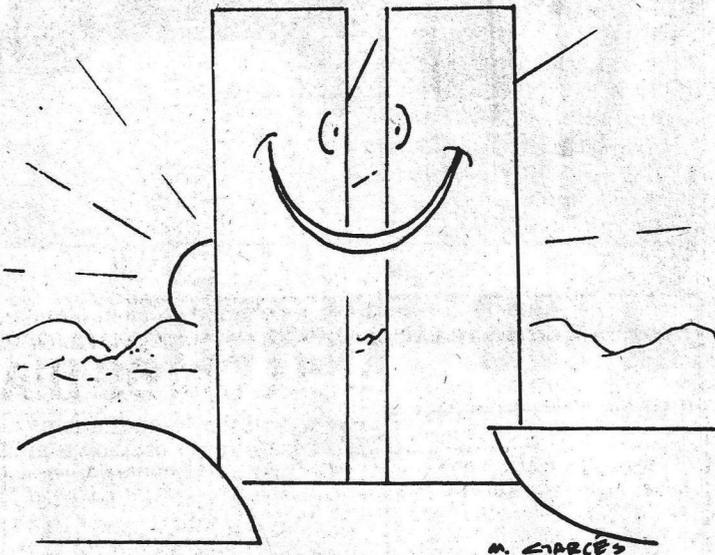
LUIZ ADOLFO PINHEIRO

As vésperas de completar 25 anos de fundação, no próximo dia 21, Brasília convida a uma reflexão a respeito de seu papel na vida brasileira. Um quarto de século já pode ajudar muito a responder à grande pergunta: Brasília tem cumprido a finalidade para a qual foi construída?

Não há exemplo de resposta mais fácil de ser encontrada no País do que esta, em relação a Brasília: sim. Este é um País de muitas iniciativas que ainda permanecem no terreno da polêmica, como a rodovia Transamazônica — e o próprio processo de ocupação da Amazônia —, as usinas nucleares de Angra dos Reis e tantos outros casos. Mas Brasília, seguramente, há de contar com a aceitação majoritária da Nação brasileira. Mais que uma nova capital da República, tem sido um investimento importante no futuro do Brasil.

Se o avanço da tecnologia tornou obsoletos alguns dos argumentos que justificavam a implantação da nova capital no Planalto Central, especialmente de ordem militar, por outro lado essa mesma tecnologia ajudou, ainda mais eficientemente, a justificação e a consolidação de Brasília. As telecomunicações, por exemplo, puseram Brasília em contato instantâneo com todo o País e com o mundo exterior. O avanço da tecnologia portanto, veio trazer, de modo natural, respostas a muitas das indagações dos cépticos ou dos adversários da construção de Brasília.

Um breve artigo como este não poderia esgotar matéria tão extensa quanto é a influência de Brasília na vida do País. Bastaria citar a melhor eficiência com que os próprios Poderes da República podem aqui funcio-



nar. E a extraordinária capacidade de Brasília de fazer o brasileiro “descobrir” o seu vasto interior. Hoje, passados 25 anos, milhões de pessoas se fixaram em Goiás, no Mato Grosso (que teve de ser desdobrado em dois estados), em Rondônia (que teve de passar à condição de estado), no Pará, no Amazonas e demais regiões amazônicas.

Os cerrados, antes abandonados e tidos como “terra de ninguém”, antigo sertão pisado pelos tropeiros e situados à margem da civilização, oferecem agora pujante agricultura e pecuária em expansão. A Belém-Brasília, jocosamente batizada de “estrada das onças”, teve de ser asfaltada há tempos para dar vazão a um fluxo notável de transportes. E dois milhões de pessoas fixaram-se em suas margens. O asfalto alcança Porto Velho e Manaus, pelo sul. Agrovilas, fazendas,

projetos minerais gigantes, como Carajás, e pólos de desenvolvimento espalham-se por cinco milhões de quilômetros quadrados. E tudo, a partir de Brasília.

É claro que o progresso chegaria, mais cedo ou mais tarde, ao Centro-Oeste e à Amazônia, mesmo com a capital no Rio de Janeiro. Mas isto não teria acontecido em 25 anos. E os milhões que hoje vivem nessas regiões talvez estivessem contribuindo para o inchaço ainda maior do Rio e de São Paulo.

Acima de tudo, Brasília representa uma reorientação de todo o modo brasileiro de pensar o futuro. O planejamento estatal desenvolvido em Brasília, sob efeito de um novo posto de observação da realidade nacional, é mais abrangente, mais cuidadoso e mais realista do que se estivesse sen-

do feito do Rio. Um exemplo disso é a política de habitação. Quando surgiu o BNH, em 1964, o Rio ainda era a capital de fato e, premido pela circunstância local de que um metro quadrado de terreno é caro e difícil, a política habitacional premiou conjuntos de edifícios de apartamentos pequenos e casas geminadas. Já os conjuntos residenciais coletivos ou individuais que surgem em Brasília partem da realidade local, que tem amplos espaços vazios e dispensa a preocupação excessiva com terrenos pequenos e caros. As amplas dimensões do Planalto Central são o oposto da luta pelo “espaço vital” no superpovoado Rio de Janeiro.

Brasília, por outro lado, ajudou o brasileiro a conhecer melhor o País, nos aspectos da cultura, da vida social, dos usos e costumes do povo e, sobretudo, das potencialidades de sua riqueza. Uma coisa é ver o mapa do Brasil pendurado numa parede em Copacabana: todos sabem que o País é rico. Outra coisa é constatar essa riqueza nas plantações de soja do cerrado, na pecuária mato-grossense, nas imensas riquezas minerais de Rondônia, Pará e Goiás, por exemplo.

O simples egoísmo de cada brasileiro, satisfeito pelas boas condições de vida no Distrito Federal, já seria suficiente para defender Brasília como a maior realização brasileira deste século. Mas, egoísmos à parte, Brasília merece uma coroa de ouro no seu jubileu de prata pelo significado muito mais alto que alcançou como parte integrante e motivadora do próprio desenvolvimento futuro do Brasil.

Luiz Adolfo Pinheiro, repórter especial, reside em Brasília desde 1970